

# A movência do sujeito no espaço digital

Guilherme Carrozza<sup>1</sup>

*“Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! (...)  
O real não está na saída nem na chegada:  
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”*  
Guimarães Rosa

*“Fotografia é o retrato de um côncavo, de uma falta, de uma ausência.”*  
Clarice Lispector

Ao tratar da forma material do “e-urbano”, Dias (2011) nos diz que “as Novas Tecnologias da Comunicação e Informação constituem um elemento importante da urbanidade, pois elas fazem parte da circulação e experimentação do/no espaço”. Eu gostaria de propor, a partir dessa colocação da autora, uma reflexão sobre a experimentação e circulação do sujeito nesse espaço, pensado na relação com o corpo e suas formas de (re)apresentação.

A reflexão sobre o corpo no espaço digital nos coloca uma questão que evidencia a relação corpo / imagem – pensada nas formas como as imagens do corpo circulam no ambiente eletrônico. Interessa-me refletir sobre isso, partindo já da afirmação de que, se “o corpo é a materialidade do sujeito” (ORLANDI, 2012), a forma como o sujeito se projeta numa imagem do corpo tem a ver com as determinações históricas e políticas nas quais ele se inscreve. Ou seja, a mobilidade no espaço digital nos faz pensar não só nas possibilidades propiciadas pelas tecnologias de informação, tais como os dispositivos móveis e aplicativos que se comunicam entre si – o que significa levar em conta as possíveis formas físicas de movimento –, mas também nos levanta a questão do sujeito em seus movimentos de identificação, pensados na sua relação com a ideologia e o imaginário. Nesse sentido, coloca-se em pauta a forma como o sujeito se mostra – e é mostrado - no ambiente digital, construindo imagens de si que circulam pelas redes e projetam uma determinada forma de sujeito que está em relação com seu corpo enquanto materialidade simbólica.

O que propomos é pensar em como as formas pelas quais os sujeitos se retratam das mais diversas maneiras nos ambientes digitais estão já atravessadas por um imaginário que determina os modos como se constroem essas imagens de si, na medida

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás

em que há sempre a possibilidade de serem modificadas por aplicativos tecnológicos<sup>2</sup> que as transformam, seja de forma sutil, seja de forma mais evidente.

Orlandi (2004) apresenta-nos a noção de “escritura de si” para refletir sobre a forma pela qual um corpo se simboliza “configurando uma posição sujeito constituída por novas formas de subjetivação em que se inscreve a tomada do corpo como extensão do meio” (idem, p.127), e na qual que tem crucial importância a questão da formulação, uma vez que ela “recorta (demarca) o lugar de interpretação que interpreta o corpo-que-interpreta.” (ibid, p.128). Nessa perspectiva é que venho pensando que também a forma como o sujeito se (re)apresenta através das imagens de si pode ser pensada como uma escritura de si, que tem como suporte as novas tecnologias tanto de edição de imagens, quanto de informação e mobilidade.

A relação do sujeito contemporâneo com seu corpo, tomado como a materialidade desse sujeito, pode ser compreendida a partir do entendimento dos processos de subjetivação / individuação, sob a perspectiva discursiva. Pêcheux (1997) e Haroche (1992) propõem a forma sujeito contemporânea como uma forma capitalista caracterizada como um sujeito jurídico “livre e responsável”, de direitos e deveres, que se configura por volta do século XVI, a partir de uma transformação histórica de poder da Religião para o Estado. Haroche (idem) ainda salienta que o modo de funcionamento do assujeitamento que vem pelo Estado é individualizante. Nesse sentido, o Estado funciona como articulador simbólico e político<sup>3</sup>, atribuindo sentido às relações sociais.

Avançando nesse entendimento sobre a forma como o Estado realiza esse efeito individualizante do sujeito, Orlandi (2001) propõe pensar em dois movimentos do processo que são, a um só tempo, distintos e inseparáveis. Segundo a autora, há num primeiro movimento a interpelação do indivíduo (bio-psico) em sujeito, pela ideologia, no simbólico, o que o constitui em sua forma-sujeito histórica. No segundo movimento, na constituição mesma dessa forma histórica, dá-se o que ela considera como o processo de individuação do sujeito, que se dá pelo Estado, suas instituições e os discursos circulantes, resultando num indivíduo responsável e dono de sua vontade.

Para Orlandi, o indivíduo que resulta desse processo não é, então, origem de si – como propõe uma visão idealista do sujeito – mas um construto referido pelo Estado

---

<sup>2</sup> Dentre esses aplicativos, figuram, por exemplo, o Photoshop e o Photopaint, para computadores fixos e notebooks, e o PicsArt e outros similares para dispositivos móveis.

<sup>3</sup> Nas palavras de Orlandi (2012)

que individualiza e estabelece formas de identificação entre indivíduos. Assim, dado o processo, é o indivíduo 2 que está numa relação contínua com a sociedade, constituindo-a ao mesmo tempo em que é constituído por ela. Individua(liza)do, o sujeito se relaciona socialmente sob a égide do Estado, submetido a uma ordem que determina todo e qualquer dizer. Ainda de acordo com Orlandi, o assujeitamento à língua – e conseqüentemente, à ideologia – é uma questão de natureza e não quantificável; a forma-sujeito histórica jurídica pratica uma forma sujeito pragmático como resultado do seu funcionamento; o indivíduo resultante desse processo é um sujeito social que tem como característica ser intercambiável; há um processo social pelo qual os sujeitos estabelecem laços sociais.

Nessa linha de pensamento, tomamos a linguagem como uma das formas que o indivíduo tem de se relacionar com o mundo e pela qual ele se constitui enquanto tal. E, no nosso ponto de vista, toda e qualquer forma de linguagem já está investida de ideologia, de formações ideológicas que direcionam os gestos de leitura para lugares distintos de interpretação.

Diante disso, dentro da nossa proposta de pensar o corpo como linguagem, na medida em que tomamos o corpo como materialidade dessa forma sujeito contemporânea, não o reduzimos a uma mera forma de expressão, mas o estamos pensando como matéria significativa que produz (e é ao mesmo tempo resultado de) relações entre o político, o histórico e o simbólico. Estou propondo, com isso, pensar que sujeito e sentido são produzidos simultaneamente, na medida em que é no acontecimento do significativo em um sujeito afetado pela história<sup>4</sup> que o sentido se mostra. É fundamental, entretanto, levarmos em conta que, pelo modo como funciona a ideologia capitalista, há uma ilusão da coincidência entre corpo e sujeito, o que resultaria num duplo acontecimento desse significativo sobre ele mesmo, que se desdobra em projeções materializadas em fotografia que circulam em rede. Há o corpo encarnado e há o corpo idealizado, sob a forma da imagem através da qual o sujeito procura se “ilustrar”.

Bernard Bosredon<sup>5</sup>, ao tratar das ilustrações em dicionários, vai dizer que “a ilustração de x é a representação de um referente visada por uma definição”. Trata-se de

---

<sup>4</sup> Essa formulação diz respeito à noção de forma material proposta por Orlandi (2012).

<sup>5</sup> Conforme anotações pessoais no II LinCoTec, realizado em novembro de 2012, na Univás – Pouso Alegre, MG.

uma “*mise-em-scène* que, ao encenar, se expõe do exterior”. Procurando estabelecer uma relação entre o que é colocado por Bosredon a respeito das imagens em dicionários ilustrados e as imagens de si que circulam no ambiente eletrônico, eu diria que ao se representar por uma imagem, o sujeito se vê enredado em determinadas formas de “ilustração”. E se tomamos o sentido dessa palavra em sua raiz, veremos que tem estreita relação com “*trazer à luz*”, “*mostrar*”, “*divulgar*”. Assim é que pensamos que, ao produzir imagens de si, o sujeito se e(in)screve por uma ilustração que coloca em cena aquilo que o determina de um exterior, na sua tentativa de se fazer mostrar.

O que estou pensando ao refletir sobre essa questão, é que no processo de constituição do sujeito, também o corpo é interpelado (ORLANDI, 2012). “*É um corpo produzido pela ideologia capitalista.*” (idem, p.95). Nesse sentido, é preciso que pensemos nesse corpo como um “corpo pragmático”, útil, usável, que sirva aos propósitos da ideologia capitalista. Para Orlandi (2012, p.95)

...o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia. Por isso pode ser tão afetado quanto o é, em nossa sociedade de consumo, de mercado, de tecnologias. Ele funciona estruturado pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política.

Pensar no corpo atado aos modos de produção da vida material significa pensar num corpo simbolicamente em movimento, na medida em que, conforme Orlandi (2004), sujeito e sentido são movimento na história.

Orlandi (2012) tem trabalhado a noção de incompletude inerente à linguagem, como “*o lugar do possível, do irrealizado, do vir a ser, do sentido outro*” (idem, p. 88). Essa incompletude caracteriza o que a autora tem chamado de “abertura do simbólico”. Nessa noção, estão investidos elementos que nos possibilitam pensar não só em diferentes formas significantes (como o corpo, por exemplo), mas também no fato de que o processo de significação não se apresenta fechado. O corpo pensando como linguagem é passível de movimento, de ruptura, de mudança.

Assim, é possível falar da textualização do corpo pelas novas tecnologias, pensando o sentido de textualização na relação com a linguagem, no batimento entre sua ordem e sua organização. Essa noção, tomada na relação com o corpo, possibilita-nos supor que, quando se depara com o corpo alterado, o modo como é modificado é um modo de textualização. Isso quer dizer que podemos pensar numa “ordem do corpo” que, pelos discursos circulantes, se organiza de determinada forma e se materializa no

imaginário que circula socialmente. Ou seja, há uma opacidade aí que denuncia a forma como os sujeitos se significam na história.

O que estamos procurando estabelecer aqui é um modo de compreensão do corpo enquanto matéria significante, não nos atendo a uma representação empírica, mas procurando tocar onde o discurso (com)forma essa representação.

Ao se passar da instância da organização para a da ordem, se passa da oposição empírico/abstrato para a instância da forma material em que o sentido não é conteúdo, a história não é contexto e o sujeito não é origem de si. [...] o sujeito se define na sua relação com um sistema significante investido de sentidos, sua corporeidade, sua espessura material, sua historicidade. É o sujeito significante, o sujeito histórico (material). Esse sujeito que se define como “posição” é um sujeito que se produz entre diferentes discursos, numa relação regrada com a memória do dizer (o interdiscurso)... (ORLANDI, 2004, p. 49).

Lemos (2009) apresenta a mobilidade em três dimensões fundamentais: “o pensamento, a desterritorialização por excelência para Deleuze e Guatari (1980), a física (corpos, objetos, commodities) e a informacional-virtual (informação).” (idem, p.28), apontando que a mobilidade física acabou se tornando, na contemporaneidade, o alimento da mobilidade informacional (ibid).

Com a atual fase dos computadores ubíquos, portáteis e móveis, estamos em meio a uma “mobilidade ampliada” que potencializa as dimensões física e informacional.

O autor ainda salienta que os lugares em uma espacialização produzida a partir da mobilidade devem ser pensados como “eventos em um fluxo de práticas sociais” de processos que, continuamente, territorializam e desterritorializam. Nesse jogo, Lemos afirma que as mídias têm papel fundamental, “produzindo sentidos de lugares” e expandindo nossa compreensão de mundo e de nós mesmos. A isso eu acrescentaria que as mídias produzem também “sentidos de sujeitos” e que uma das formas desse funcionamento se dá nas representações do corpo que nelas circulam.

Citando Mead (1967), Lemos (idem, p.31), diz que as mídias “criam formas de conhecimento e de experiência local já que a nossa percepção do mundo e de nós mesmos se dá pela relação com o outro e com a imagem que esse outro cria de nós.”

As mídias contemporâneas, globais, telemáticas e eletrônicas criariam, portanto, novos sentidos de lugar e ajudariam a expandir a nossa percepção espaço-temporal produzindo “new sense of places” e “new sense of selves”.

Dentro dessa linha de pensamento do autor, dois pontos me parecem fundamentais para pensarmos a questão da mobilidade e do sujeito por uma via discursiva. O primeiro diz respeito aos modos de identificação do sujeito, que se dão pelo princípio de alteridade (PÊCHEUX, 1997) e nos quais já estão em funcionamento, também segundo Pêcheux, as formações imaginárias. Ou seja, essa “percepção” de mundo e de nós mesmos a que se refere Lemos, está desde sempre atravessada tanto por uma relação com o outro, quanto pelas formações ideológicas nas quais o sujeito se inscreve. O segundo ponto, que também considero importante, trata de conjugar a noção de *expansão* colocada pelo autor com relação às mídias digitais com a noção de *eventos em fluxo de práticas sociais*, pensados na relação com os lugares produzidos pela mobilidade. Nessa perspectiva, estamos diante de um corpo social em fluxo contínuo e em constante expansão. Movimento. E, se o corpo do sujeito está atado ao corpo social (ORLANDI, 2012), podemos supor que também ele se move determinado pelos modos como esse corpo social se movimenta e expande. Não é de se estranhar, portanto, que os modos superlativos de corpos estejam tão presentes na mídia como formas materiais desse “sujeito-que-se-expande”. Seja nas dimensões com que vemos as imagens em mídias exteriores, seja nas transformações exageradas por que passam muitas dessas - e outras - imagens que circulam no ambiente eletrônico, o que se percebe é algo que vai no rastro de uma discursividade do “há-mais”, do “excesso”. E só podemos pensar assim, se levamos em conta que ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (Pêcheux, 1997) e que o corpo de que falamos é o corpo produzido pela ideologia capitalista (ORLANDI, 2012).

Isso posto, é preciso que olhemos para as formas como, nos aparatos tecnológicos, tanto nos computadores fixos quanto nos dispositivos móveis, estão disponíveis aplicativos que possibilitam um “tratamento” da imagem antes de ser publicada, seja em redes sociais, em blogs, ou circuladas através de outras formas de tecnologia.

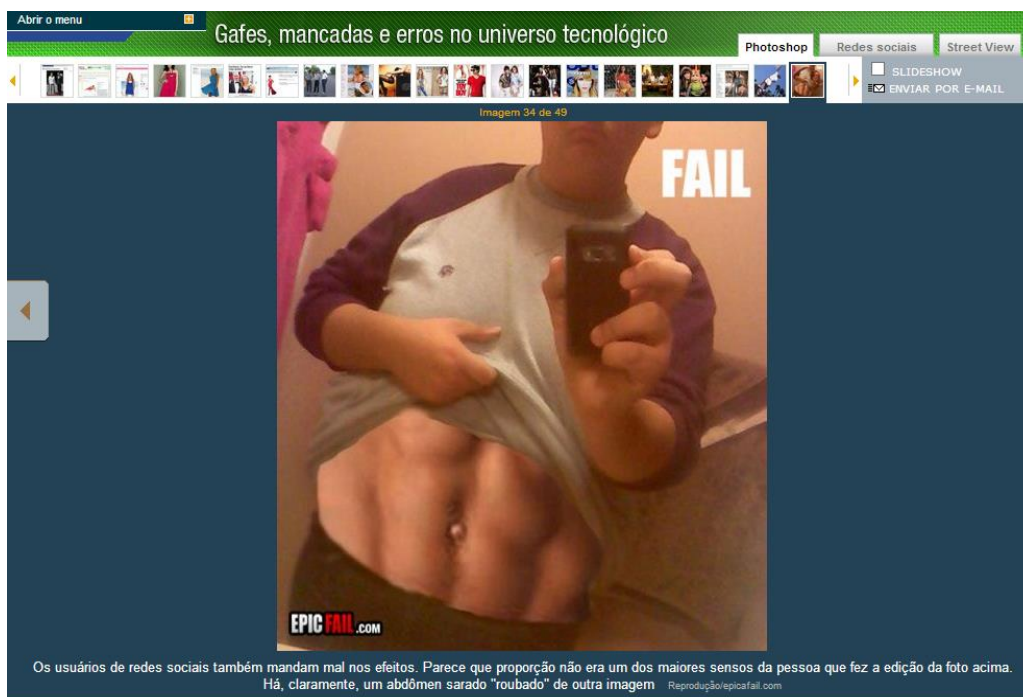
Tomo como material de análise dois recortes que fiz em uma pesquisa sobre a utilização de aplicativos de edição de imagens na internet. O primeiro apresenta uma série de fotos publicadas em uma matéria do site Uol, em sua página de Notícias/tecnologia, em que apresenta erros de tratamento de imagens modificadas por aplicativos de edição e que dizem respeito tanto àquelas circuladas nas chamadas mídias de massa em que aparecem modelos e celebridades, quanto nas redes sociais, em

páginas de assinantes. Esse primeiro recorte pode ser acessado pelo link [http://tecnologia.uol.com.br/album/erros\\_photoshop\\_album.jhtm#fotoNav=1](http://tecnologia.uol.com.br/album/erros_photoshop_album.jhtm#fotoNav=1)

O segundo apresenta um tutorial disponível no Youtube que pretende ensinar o internauta a modificar as proporções do corpo utilizando o Photoshop e que pode ser assistido no link <http://www.youtube.com/watch?v=7w5xF1voyl4>

Do primeiro material, selecionei alguns recortes para que possamos avançar nas análises:

### Recorte 1



### Recorte 2



### Recorte 3

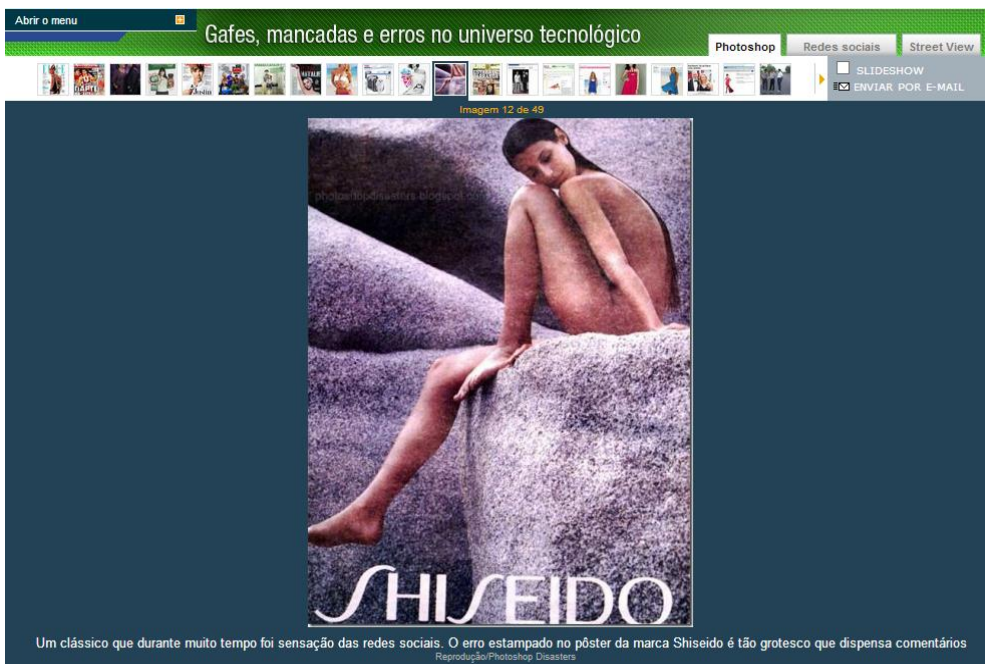


### Recorte 4

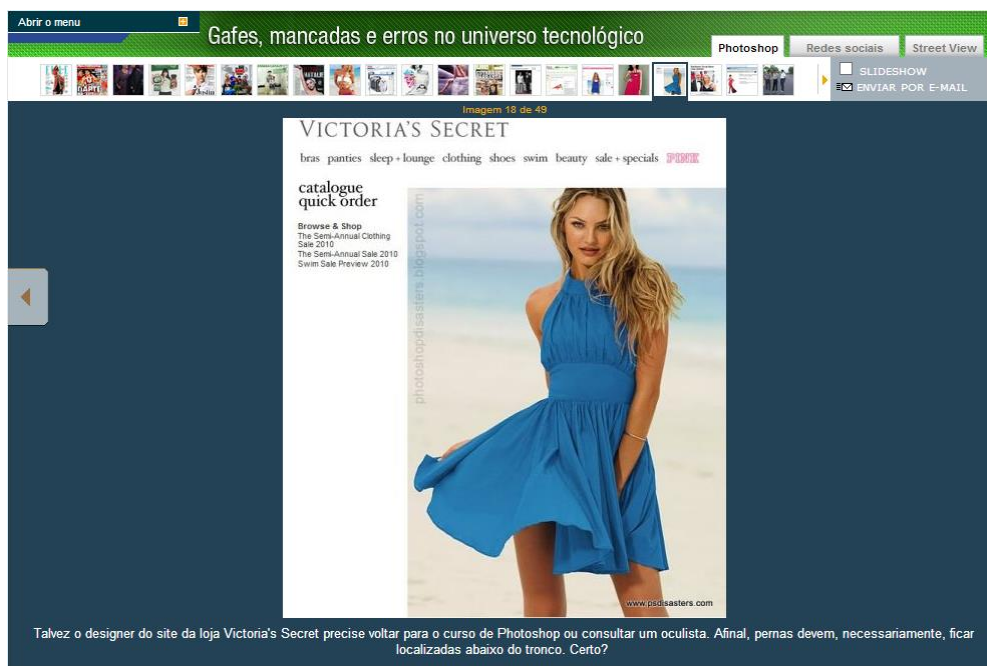




### Recorte 5



### Recorte 6



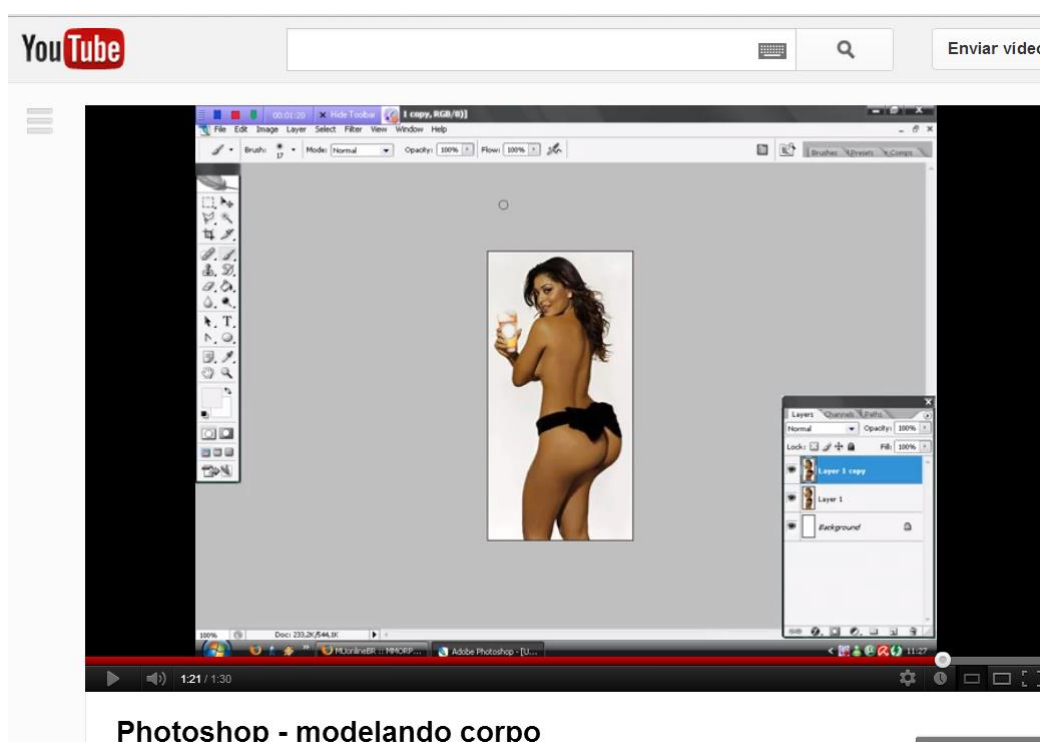
Das seis imagens apresentadas, três são de usuários de redes sociais que, segundo a matéria, fizeram alterações nas imagens de seus corpos antes de publicá-las. As outras três referem-se a anúncios circulados em mídias de grande alcance, também com alterações nos corpos.

Gostaria, inicialmente, de propor um olhar para o título da matéria “*Gafes, mancadadas e erros no universo tecnológico*”. Da forma como é apresentada, logo de saída, a matéria já direciona o gesto de interpretação para o que se segue como aquilo que poderia ser enquadrado como erros cometidos nos retoques feitos nas imagens. Nesse sentido, no gesto de leitura das imagens, o leitor já se vê numa injunção a encontrar algum tipo de erro, estranhamento, ou qualquer outra marca que não esteja de acordo com o já estabelecido numa “organização normal” do corpo. E, de fato, tais marcas são encontradas nas imagens: um corpo masculino de proporções grandes – que poderia ser considerado obeso – que apresenta uma barriga “musculosa” e que, notadamente, está em dimensões maiores do que o que seria o normal; um homem com braços que diferem no tamanho, sendo um exageradamente mais grosso que o outro; uma mulher com a cintura extremamente fina; uma modelo que teve suas dimensões corporais extremamente reduzidas; um corpo feminino com uma perna deslocada – provavelmente para compor uma pose – mas que se apresenta fora de proporção; uma outra modelo que teve também suas pernas deslocadas, compondo uma figura que não existiria no real – com pernas fora de simetria com a cintura.

Penso eu que tais “erros” se apresentam, aqui, como formas materiais de uma certa formação ideológica que determina os modos como os sujeitos produzem seus modos de representação. Estou supondo, como já exposto nesse texto, que há uma injunção ao exagero, no rastro do que Orlandi (2002) propõe pensar sobre o discurso da cidade, no que tange à quantidade<sup>6</sup>. O discurso do “*quanto mais, melhor*” parece se fazer material nos modos como as fotografias são transformadas, propondo formas exageradas de “correções” do corpo, que escapam à organização à qual, nós sujeitos, estamos submetidos.

Um outro recorte que apresento pode, também, explicitar o que estou propondo:

### Recorte 7



Este vídeo tutorial disponível no Youtube pretende dar dicas de como modelar um corpo através do aplicativo *Photoshop* e, para isso, utiliza uma fotografia da atriz Juliana Paes. Diferentemente dos outros recortes, o vídeo não se apresenta como um exemplo de erro ao se utilizar o programa. Ao contrário, coloca-se como um instrumental que ensina a lidar bem com o aplicativo, quando o assunto é dar novas

<sup>6</sup> O que estou propondo aqui é pensar como a discursividade da quantidade adquire diversas formas, não ficando estanque à questão de números, mas também de dimensões. Nesse sentido, é que funcionariam dizeres do tipo “quanto mais, melhor”, que deslizam para “quanto maior, melhor”.

formas a um corpo fotografado. Na cena que utilizo para o recorte, ao final do “tratamento” da imagem, a atriz aparece com suas nádegas exageradamente ampliadas, numa composição que as deixa fora de proporção com o restante de seu corpo. Ao se recortar e aproximar a cena, é possível perceber a (as)simetria entre suas nádegas, a cintura e as pernas:

#### Recorte 8



Também nesse recorte o que temos materialmente é uma modificação do corpo que se sustenta no exagero, mesmo que não se fale aqui, em erro.

Outro ponto que talvez mereça destaque é o nome da ferramenta do aplicativo *Photoshop*, com a qual se demonstra, no vídeo, a transformação do corpo. A começar pelo modo como essas ferramentas são nomeadas - “filtros” - o que nos remete ao fato de que a imagem que se vê, aquela que circula, passa por uma espécie de filtragem, ou seja, não seria mais a “imagem crua”, mas algo que já foi alterado<sup>7</sup>. O filtro em questão recebe o nome de “Liquify<sup>8</sup>” e permite trabalhar a imagem de forma que faz parecer que se trata de um corpo líquido. Os pixels que compõem a imagem são deslocados com o

<sup>7</sup> Chamo atenção para o fato de que, na maioria dos aplicativos de edição de imagens, tanto em aparelhos móveis quanto em computadores fixos, essa mesma nomenclatura é utilizada para definir os efeitos que podem ser aplicados nas imagens.

<sup>8</sup> Na versão em inglês do programa. Na versão em português, a ferramenta recebe o nome de “dissolver”. Em programas similares, encontramos também termos como “modelar”, “distorcer”.

passar do mouse, obedecendo aos comandos de força e direção que se dá ao movimento. Assim, no trabalho com a ferramenta, temos um corpo líquido que se molda às formas que vão lhe sendo dadas por quem a opera. A questão que se coloca é justamente pensar naquilo que determina os modos como o sujeito transforma a imagem, oscilando entre aquilo que é aceitável ou não.

Trata-se, no meu ponto de vista, de compreender aqui o jogo entre a ordem e a organização, conforme citei anteriormente, pensando na relação com o corpo. Um corpo, atado ao corpo social (cf. Orlandi), que tem sua própria ordem e que se organiza (textualiza) de diferentes formas, afetadas pelo imaginário de corpo perfeito que circula socialmente. Nesse sentido, no jogo entre a ordem e a organização, é que proponho pensar que parece haver, socialmente, o funcionamento de uma “gramática do corpo”, que obedece a determinados critérios imaginários de correção e organização e que hoje, parece circular indefinidamente, dada a mobilidade à qual estamos expostos. E já que estamos pensando numa gramática do corpo, é possível também percebermos que, dentro de uma discursividade do “quanto mais, melhor”, o que se vê são marcas de uma hipercorreção<sup>9</sup> que se materializa nas tentativas de dar ao corpo uma forma supostamente perfeita<sup>10</sup>. Discursivamente, a hipercorreção pode ser pensada como um imaginário funcionando em paralelo, ou, dito de outra forma, um imaginário de correção sobre o imaginário do que é correto. Essa forma de pensar “às avessas” acaba fazendo o sujeito escorregar na própria norma, tomada aqui como a forma imaginária, que se difere da forma fluida (cf. Orlandi, 2008)<sup>11</sup>. Ou seja, essa forma de “corrigir o que supostamente está errado” funciona sustentada por um imaginário de sujeito ideal, pensado na sua relação com um “corpo ideal”. Assim, o corpo transformado só pode ser pensado como “erro” se o colocamos em relação não a outros corpos, mas a uma projeção imaginária de perfeição.

Paul Henry (1997) já nos falou que “não há ‘fato’ ou ‘evento’ histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências.” (idem, p.51-52). Considerada por esse prisma, a circulação de imagens

---

<sup>9</sup> Mattoso Câmara (2002) define hipercorreção como “equivocação no desejo de falar bem”. De nossa parte, vale lembrar que estamos propondo pensar a textualização do corpo não de forma linguística. De qualquer forma, a aproximação da noção com o que estamos propondo tem a ver com o funcionamento de um imaginário, tal como acontece no caso da forma linguística.

<sup>10</sup> Agradeço ao Lauro Baldini por me propor, em uma conversa, pensar na noção de hipercorreção na análise das imagens.

<sup>11</sup> Orlandi estabelece essa relação ao falar de “língua imaginária” e “língua fluida”

de si no ambiente digital, reclama sentidos sobre o corpo do sujeito e nos coloca a pensar nas consequências dessa prática.

O que procuramos neste texto foi apontar para um tipo de funcionamento específico, que articula tanto a questão posta sobre a relação do sujeito com a ideologia, quanto as formas de mobilidade do sujeito que se e(in)screve por meio das tecnologias de comunicação. Ao projetar seu corpo físico no ambiente digital, o sujeito se submete às formas de funcionamento de um imaginário sobre o corpo que afeta as relações sociais e os modos de escrituras de si. É assim que, no nosso ponto de vista, o sujeito se vê na ilusão da coincidência com seu corpo. Funcionamento da ideologia na movência do sujeito.

### Referências

- CÂMARA JUNIOR, J. M. **Manual de expressão oral e escrita**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DIAS, Cristiane. “e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano”. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital** [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.
- HENRY, Paul. “A história não existe?” In. ORLANDI, Eni P. (Org). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- LEMOS, André. **Cultura da Mobilidade**. In. Revista FAMECOS, Porto Alegre, RS. Vol 1, n.40, p. 28-35.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP : Pontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas, SP : Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4 ed. Campinas, SP : Pontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Terra à vista**. Discurso do confronto: velho e novo mundo. 2 ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2008
- \_\_\_\_\_. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas, SP : Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997

**Para citar essa obra:**

CARROZZA, Guilherme. A movência do sujeito no espaço digital. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

**Endereço:**

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP - Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

[www.labeurb.unicamp.br/contato](http://www.labeurb.unicamp.br/contato)